

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Arte,

Imaginação e Sentido



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Cruz, Paulo

Arte Imaginação e Sentido: Aula 2

ISBN:

1. História da Arte

CDD 709

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Nesta aula magistral, o professor Paulo Cruz nos oferece um antídoto peculiar e surpreendente, a imaginação, para o grande problema que tem contaminado gerações - a falta de sentido.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: a função da arte; a relação entre a imaginação e o sentido;

INTRODUÇÃO

Gostaria de iniciar esta aula, na qual falaremos acerca de imaginação e sentido, com um trecho de um filme mega conhecido que é o Senhor do Anéis. Vamos assistir à cena final do primeiro filme¹.

O que vem à nossa cabeça quando vemos essa cena, em uma palavra?

Comentário: amizade.

Comentário: fidelidade.

Comentário: missão.

Professor: propósito. Mais alguma?

Comentário: compromisso.

Professor: sacrifício.

Ao assistir à cena, pensamos em todos esses conceitos. Imagine um adolescente que ainda não tem esses conceitos na cabeça como temos. Evidente que a reação dele não será conceitual. Ainda assim, ele tem uma experiência imaginativa de algo que pode ou não já ter vivido. De repente, se esse adolescente já teve uma experiência de amizade assim, com esse nível de profundidade que é expresso na cena, é evidente que vai se lembrar 'poxa, essa amizade é igual a que tenho com o fulano de tal'. Ou, então, se viveu ou conheceu algo parecido com esse senso de compromisso, pode pensar 'esse tipo de relação que acontece entre esses dois rapazes é igual a do meu pai e da minha mãe. Onde um vai o outro também vai'. Caso não tenha tido esse tipo de experiência propriamente dita, desses conceitos que nos transcorrem em poucos minutos de filme, isso fica armazenado de certo modo na

¹ A cena apresentada perdura do tempo 01:47 - 05:22 da aula.

sua cabeça. Um dia, quando vive essa experiência ou quando o conceito lhe apresentado, como, por exemplo, o que é a amizade, pensa 'isso é aquilo que o Frodo tinha com o Sam'. Ou, então, o senso de sacrifício. O homem se jogou na água sem saber nadar, quase morreu, porque tinha feito uma promessa. É importante que cumpramos as promessas que fazemos. Esse filme é uma obra artística da literatura que depois virou cinema quase como uma outra obra, porque entre os livros e o filme há muitas diferenças. Curiosamente, o filme ficou tão bom quanto o livro. Eles recriaram de modo muito competente a história do Tolkien.

Isso nos leva ao conceito de imaginação e qual a função da imaginação na nossa vida. Esse foi o tema do meu mestrado, falaremos dele mais à frente. Eu queria trabalhar algo que tivesse ligação com a literatura e me embrenhei pelo dilema que todo mundo tem quando vai fazer uma pós-graduação, que é achar que 'eu vou chegar lá, o professor vai querer que eu fale sobre Foucault, sobre Deleuze, sobre aqueles lixos contemporâneos e eu não quero'. Por isso, eu fui atrás de um orientador que eu conhecia, que havia me dado aulas na graduação, e que eu sabia que gostaria de trabalhar um tema que eu também gostaria de trabalhar. Que tinha mais ou menos o mesmo gosto que eu. Eu acabei fazendo Ciências da Religião, um curso meio atípico, porque o orientador estava orientando nesse curso. Eu aceitei e escolhi um tema em que pudesse ligar as coisas. O meu mestrado foi sobre a trilogia de ficção científica do C. S. Lewis, o autor de "As crônicas de Nárnia". Os livros acabaram de ser relançados, falarei disso daqui a pouco. Eu fiz uma junção de literatura, filosofia e teologia. A tese foi "Teologia e imaginação moral na trilogia cósmica do C. S. Lewis".

Para mim, a imaginação é um assunto bastante querido e caro. Eu gosto muito desse tema porque acho, e aprendi isso, que é absolutamente fundamental para que uma sociedade seja culta e saudável, digamos assim. Primeiro, veremos algumas definições do que é imaginação, para termos um terreno para pisar.

A IMAGINAÇÃO

Napoleão Bonaparte

Vamos começar por uma citação muito curiosa do Napoleão Bonaparte. Napoleão, em seus diários, afirma algo interessante:

"Que coisa é a imaginação! [Napoleão estava andando com um Comandante do seu exército pela rua, ele registra isso no diário, e de repente vê uma multidão gritando seu nome 'Napoleão! Napoleão!'. Aquela adoração. Aquele culto à

personalidade que nós, brasileiros, conhecemos como poucos do mundo]. Veja estes homens. Eles não me conhecem, nunca me viram, só tinham ouvido falar de mim, mas são movidos por minha presença, e fariam qualquer coisa por mim! E este mesmo incidente surge em todos os séculos e em todos os países! Tal é o fanatismo! Sim, **a imaginação governa o mundo**. O defeito de nossas instituições modernas é que elas não falam à imaginação. Só por ela o homem pode ser governado; sem ela, ele é apenas um bruto”. (Napoleão Bonaparte, *Diários*. Grifo meu).

Olhem que curioso, o grande Napoleão Bonaparte falou ‘olha, o mundo é movido e conduzido pela imaginação’. Não é à toa que todo personalismo está baseado em uma projeção mesmo. O fanatismo é uma projeção. Ao ver o ente que deseja idolatrar, o sujeito cria uma imaginação e faz dessa pessoa uma imagem daquilo que deseja, da realização dos seus desejos. É absolutamente precisa essa observação do Napoleão sobre o poder da imaginação.

Nicola Abbagnano

Em uma definição de dicionário mesmo, aquela mais simples de todas, retirada do dicionário do “Abbagnano”, que é um dicionário famoso de filosofia:

“Em geral, a imaginação é a possibilidade de evocar ou produzir imagens, independentemente da presença do objeto a que se referem”. (Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*).

Tão simples quanto isso. Eu penso em uma mesa, mesmo que não tenha nenhuma mesa aqui, na minha cabeça vem uma imagem de mesa. Isso é aquilo que o Platão vai chamar de reminiscência. Na verdade, estou lembrando da mesa perfeita que há no mundo das ideias. A imaginação é você trazer à memória aquilo que você já conhece, mesmo que esse objeto não esteja presente.

Aristóteles

Dando um passo um pouco mais filosófico, em “De Anima” do Aristóteles, tem uma definição interessante:

“Pois a imaginação é algo diverso tanto da percepção sensível como do raciocínio; mas a imaginação não ocorre sem percepção sensível [o pensamento é uma percepção sensível] e tampouco sem a imaginação ocorrem suposições”. (Aristóteles, *De Anima*).

Não é possível imaginar sem percepção sensível, ou seja, sem sentir cheiro, sem ver. Então, a imaginação é evocada pela percepção sensível. Porém, também não é possível produzir suposições ou pensamentos ou raciocínio, sem a imaginação. Com isto, a imaginação ganha o *status* de algo que nos ajuda a produzir razão.

George MacDonald

George MacDonald, um autor de contos de fada, é o grande ídolo do C. S. Lewis e do próprio Chesterton. MacDonald tem um livro maravilhoso que foi traduzido para o português - traduzido eu não sei se é a palavra, porque está muito ruim - chamado "Phantastes - A Terra das Fadas", uma obra que fisionomizou o C. S. Lewis em sua época de ateísmo. Quem tem condições de ler em inglês, leia em inglês. É um grande livro. Estou esperando uma tradução decente para o português desse livro. Além disso, tem outros livros dele que foram traduzidos para o nosso idioma. George MacDonald tem um ensaio intitulado "A imaginação: suas funções e sua cultura", que está disponível em inglês na internet, no qual afirma:

"A imaginação é a faculdade que dá forma ao pensamento - não necessariamente uma forma acabada, mas uma forma que possa ser completada nos traços ou no som, ou de alguma maneira apreensível pelos sentidos [corroborando aquilo que falou Aristóteles]. É, portanto, a faculdade humana mais parecida com a ação do poder de Deus e, portanto, tem sido chamada de faculdade criativa, e o seu exercício, criação". (George MacDonald, *A imaginação: suas funções e sua cultura*).

Eu não trouxe, mas Tolkien tem um ensaio chamado "Sobre histórias de fadas" no qual faz o mesmo percurso feito por MacDonald no parágrafo acima. O MacDonald diz que a fantasia ou a imaginação criativa, por assim dizer, é subcriação. Que o ser humano, quando cria, está imitando Deus criando. Não é à toa que Tolkien cria uma mitologia com muitos planetas, países, histórias e personagens, línguas, porque leva essa ideia de que o artista é um subcriador às últimas consequências. Então, afirma isso: é a faculdade ou a ação mais parecida com a própria ação divina de criar. Na teologia ou mesmo na filosofia aristotélica, Deus é sempre ato e nunca potência. Deus pensa já criando, assim diz o Aristóteles. O pensamento de Deus já é ação, já é criação, é ato de criar. Quando o homem cria, portanto, imita a Deus, como diz o MacDonald e como diz o Tolkien em "Sobre histórias de fadas". Tolkien ainda afirma que a fantasia é uma espécie de Evangelho, porque transmite algo que as histórias de fada têm, que chama de virada jubilosa ou eucatástrofe, que é aquela mudança

repentina de situação que sempre acontece nas histórias de fada. Tolkien aponta que a eucatástrofe de Cristo é a eucatástrofe da história. É muito interessante. Quem não leu, leia.

Isso também é importante para termos uma ideia de como os grandes artistas, teóricos, filósofos e pensadores não se furtavam da importância da religião como acontece hoje. Eu sou de tradição protestante e, quando disse que ia estudar filosofia, as pessoas afirmaram que a filosofia é um estudo de ateu. Mas sabem elas que a filosofia virou coisa de ateu tem duzentos anos, pois nunca foi. A religião faz parte do pensamento e das formulações filosóficas de pensadores como o próprio Chesterton, MacDonald, C. S. Lewis e tantos outros.

Coleridge

Continuemos com uma citação do poeta Coleridge, também muito cara ao próprio C. S. Lewis, presente em uma obra sua que trata da questão da criação poética.

“[Coleridge divide a imaginação em duas] A imaginação primária é a energia viva e o agente primeiro de toda percepção humana; é como que uma repetição, na mente finita, do eterno ato de criação no infinito EU SOU [buscou o mesmo princípio que buscaram Aristóteles e MacDonald. Essa imaginação primária é a imaginação comum, que todos temos, de evocar imagens e de produzir coisas com imagens]. À imaginação secundária considero um eco da anterior, coexistindo com a vontade consciente [ela não é só a possibilidade de evocar e produzir imagens, mas também de fazer algo com elas]; identifica-se com a primária quanto ao *tipo* de atuação [ou seja, a capacidade de evocar imagens], dela diferindo apenas quanto ao *grau* e quanto ao *modo* de operar [uma é criativa, a outra, mera repetição]. Ela dissolve, difunde, dissipa, a fim de recriar; e onde esse processo se torna impossível, ela ainda assim se esforça, em todo caso, para idealizar e unificar. É essencialmente *vital*, da mesma maneira como todos os objetos (*enquanto* objetos) são essencialmente fixos e mortos”. (S. T. Coleridge, *Biografia Literária*).

Essa obra, “Biografia Literária”, tem em um volume de ensaios do Coleridge, cuja publicação está disponível em português. Percebam como, mais uma vez, estou fazendo um caminho ascensional no sentido de imaginação, assim como fiz com o sentido de arte. A imaginação é a capacidade de produzir imagens, mas é mais do que isso. Ela tem uma função que é de imitar Deus criando. Ela se esforça para tal.

O artista aí entra como alguém que tem essa função de produzir fantasia, como diz o Tolkien. O Coleridge vai fazer essa distinção entre o que chama de imaginação primária e secundária, pois uma delas é criativa.

Russell Kirk

A esse conceito de imaginação propriamente dita, soma-se outro, muito interessante, de imaginação moral, o qual descobri lendo Russel Kirk. A imaginação moral é similar à imaginação, mas explicita a função da imaginação. É o termo que expressa que a imaginação tem, essencialmente, uma função moral. Quando as crianças leem, por exemplo, contos de fada, o que estão fazendo, na verdade, é adquirindo conceitos morais. É isso que as histórias de fada fazem.

Por dois anos, eu dei aulas em uma escola particular na qual havia filosofia para os estudantes de ensino fundamental. Eu li contos de fadas e, sobretudo, fiz um trabalho sobre as virtudes cardeais (prudência, justiça, temperança e fortaleza). Eu lia os contos e, depois, recuperava os conceitos. Nisto, os alunos lembravam das histórias. Por exemplo: Eu li a versão original da “Chapeuzinho Vermelho”, dos irmãos Grimm, na qual o lobo devora a Chapeuzinho. Quando eu terminei a história com o lobo devorando a Chapeuzinho, as crianças falaram ‘ah, mas olha aí, tá vendo, ela não tem prudência, porque ficou ouvindo o lobo falar com a voz estranha, com o nariz esquisito, em vez de fugir’. Faltou prudência à Chapeuzinho Vermelho de ter percebido que aquilo ali estava estranho. Eu tinha dito para eles várias vezes que a prudência evita essas coisas. Ver as coisas como elas são e não como aparentam ser. O conto de fada tem essa função moral. E não só o conto de fada, evidentemente. As histórias, de uma maneira geral, a grande literatura ou os clássicos, como dizemos, têm essa função de formar o nosso imaginário. É conhecido aquele caso de Florianópolis que o diretor de um presídio ofereceu uma oficina de leitura para os presos para terem comutação de pena de algum modo. O primeiro livro que leram foi o “Crime e Castigo” do Dostoiévski. Diz que os presos diziam ‘o Raskolnikov sou eu’ e choravam. Quando Raskolnikov cai em si e vê o lixo humano que era, o sujeito fala ‘sou eu, esse cara aí’. Essa função da grande literatura, da grande arte, da imaginação é que pode, de fato, governar o mundo. E governa, para o bem e para o mal.

A imaginação moral é um conceito que Russell Kirk desenvolve a partir do Edmund Burke, como ele mesmo explica.

“[...] o que é a imaginação moral? A expressão é de Edmund Burke. Por ela, Burke queria indicar a capacidade de percepção ética que transpõe as barreiras da experiência privada e dos acontecimentos do momento [ou seja, não é só aquilo que vivo, mas aquilo que também transpõe a minha experiência e me faz participar da experiência de outros] - ‘especialmente’, como o dicionário descreve, ‘as mais altas formas dessa capacidade praticadas na poesia e na arte’. A imaginação moral aspira apreender a justa ordem da alma e a justa ordem da comunidade. Foi o dom e a obsessão de Platão, Virgílio e Dante”. (Russell Kirk, *A era de T. S. Elliot*).

Os grandes filósofos, os grandes artistas, aqueles que estão tentando pagar pelo dom que receberam, como diz Tarkóvski, têm plena consciência disso. É exatamente por isso que o Burke vai dizer que, com a Revolução Francesa, todos os valores que estavam presentes nessa imaginação moral do povo francês vão ser destruídos. O Russell Kirk desenvolve esse conceito de imaginação moral sobretudo dentro da literatura, na obra “A era de T. S. Elliot”, em que faz uma biografia intelectual do Elliot, um grande poeta contemporâneo. Kirk faz justamente uma análise da imaginação moral nas obras, nos poemas, nas peças, do T. S. Elliot. Olha só o que diz:

“Em tempos nos quais os professores, nos seminários, nos informam que Deus está morto, e que devemos ser totalmente *demitologizados*, desencantados, dessacralizados e desconsagrados - esses escolados doutores são superados pelas fábulas e alegorias cristãs de Clive Staples Lewis. O que George MacDonald realizou um século atrás com *Phantastes*, *Lilith*, e (mais importante) suas fábulas cristãs para crianças, Lewis reavivou em desafio ao espírito da época. Na trilogia *Perelandra* [Kirk está usando o nome do segundo livro da trilogia, não chama trilogia *Perelandra*], a ficção científica se volta contra a ciência dos lógicos; nas *Crônicas de Nárnia*, as crianças aprendem muito mais do imaginário e da doutrina cristãs do que nunca poderiam aprender na escola dominical. Em *O Regresso do Peregrino*, Bunyan é ressuscitado para batalhar corajosamente contra o temperamento moderno [O *Regresso do Peregrino* é o primeiro livro cristão que C. S. Lewis escreve quando se converte, aos 30 anos, e faz uma espécie de homenagem ao John Bunyan, que escreveu “O Peregrino”²]; em *Till We Have Faces*, o significado do amor é definido

² O peregrino é um homem, o qual chama de cristão, que faz uma peregrinação a uma cidade e precisa se livrar de alguns pecados personificados. O C. S. Lewis faz um caminho parecido só que não são pecados personificados, mas sim doutrinas filosóficas modernas.

contra apetites modernos; em *O Grande Abismo*, somos lembrados de que a maioria das pessoas preferem o inferno ao céu.” (Russell Kirk, *Enemies of The Permanent Things*).

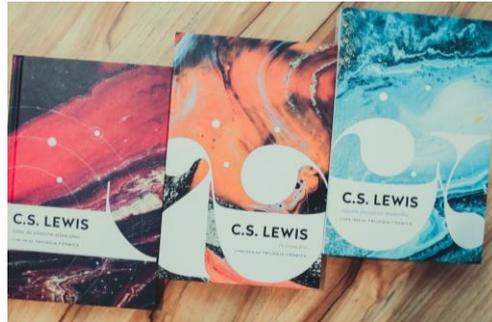
C. S. Lewis

C. S. Lewis tem essa teoria de que no inferno só vai ter pessoas que querem estar lá, que não vai ter ninguém no inferno se questionando o que está fazendo ali. A citação acima pertence a um livro do Kirk, que ainda não foi traduzido para o português. Kirk desenvolve essa ideia de imaginação moral em várias obras. É a imaginação moral que traz, para contemporaneidade, a função das histórias de fada, das grandes obras da literatura e da arte. O próprio C. S. Lewis, que não tem um tratado sobre imaginação, também escreveu em alguns lugares sobre isso, sobretudo em um pequeno ensaio chamado “Três maneiras de escrever para crianças”. Neste, Lewis expõe o que pensa ser a literatura infantil e a questão imaginativa se faz bastante presente. No ensaio “*Bluspels and Flalansferes*”, um nome esquisito, formado por palavras que ele mesmo criou, Lewis aborda a questão da metáfora. É um ensaio longo, sem tradução para o português. No final do ensaio, em um trecho, fala algo basilar:

“Para mim, a razão é o órgão natural da verdade [quando querer produzir pensamento, é à razão que tenho de recorrer por ser o órgão da verdade] ; mas a imaginação é o órgão do sentido [voltaremos a isso lá na frente]. A imaginação, produzindo novas metáforas ou vivificando antigas, não é a causa da verdade, mas sua condição”. (C. S. Lewis, *Bluspels and Flalansferes*).

É o veículo por onde a razão trafega, eu diria, para traduzir o que Lewis está dizendo aí. Então, a imaginação é que dá sentido à nossa vida. É por isso, também, que Napoleão vai dizer que imaginação governa o mundo, porque, sem ela, o homem é um bruto. O sentido de sentido que ele dá nesta citação também está desenvolvido nas suas obras. Quero, para explicar, falar justamente das obras que trabalhei em minha dissertação de mestrado, que é a trilogia de ficção científica que ele escreveu.

C. S. Lewis escreveu essa trilogia por uma razão bastante particular. Era exatamente a preocupação que ele e o Tolkien tinham com a imaginação moral do século 20, principalmente no período pós-guerra. O primeiro livro foi escrito em 1938 e o terceiro livro foi concluído no final da Segunda Guerra, em 1945.



Essa trilogia é composta de três obras. “Além do planeta silencioso” é o primeiro livro; “Perelandra”, o segundo, e; “Aquela fortaleza medonha”, o terceiro. A edição da Martins fontes para este último é “Uma força medonha”. No entanto, a tradução da Thomas Nelson, mais recente, cuja imagem está acima, é mais fiel ao original.

Qual era a preocupação do C. S. Lewis para decidir escrever ficção científica?

Primeiro, Lewis amava o gênero. Ele era e tinha sido um leitor voraz de H. G. Wells e de Arthur C. Clarke. Além de ser apaixonado, Lewis dizia que a ficção científica tinha um poder sobre ele diferente em relação ao que os outros livros tinham. C. S. Lewis foi um homem que viveu, como ele próprio diz, grande parte de sua vida dentro da própria imaginação, pois teve uma vida imaginativa bastante ativa, digamos assim. Na primeira infância, junto ao seu irmão mais velho, brincava de criar coisas. Ele criou, por exemplo, uma terra imaginária, que chamou de terra dos bichos, na qual inseriu personagens. O irmão dele, por sua vez, criou um jardim em uma caixa de biscoito. Portanto, ambos tinham uma imaginação fértil, como dizemos hoje. Como a mãe do Lewis morreu cedo, quando seu irmão foi para escola, Lewis ficou sozinho em uma casa grande. Ele só não ficou mais solitário porque, segundo ele mesmo, sua casa era apinhada de livros por todos os cômodos e cantos. Nenhum desses livros era proibido a ele. Então, pegava qualquer obra e saia lendo. Lewis desenvolve esse apetite imaginativo muito grande ao se dar conta de que isso produz nele sensações. Ou seja, não só porque imagina coisas, mas porque sente coisas. Ele fala que o sentimento que tinha ao ler ficção científica era um sentimento semelhante à luxúria. Ele sabia que aquilo não era propriamente bom de sentir, mas ele gostava.

Em uma conversa com Tolkien, em que falavam sobre ficção científica, ambos chegaram à conclusão de que a ficção produzida, principalmente pelo H. G. Wells, escritor de “Guerra dos Mundos”, o qual, posteriormente, virou filme, estava descambando para uma espécie de cientificismo, que é a teoria de que a ciência vai

resolver tudo. Havia a ideia de que íamos invadir outros planetas, de que a Terra se tornaria inabitável, de que iríamos conquistar outros mundo e de que o ser humano seria soberano do universo, e tal. Lewis observa isso e compartilha que descobriu ser possível não só transmitir ciência ou imaginação pelas obras de ficção científica, mas também produzir teologia. Em sua concepção, a ficção estava produzindo teologia demoníaca. Além disso, Lewis e Tolkien compreenderam que, caso deixassem as circunstâncias avançarem naturalmente, as pessoas terminariam por realmente acreditar naquilo que Wells estava falando. E é um sentimento luciferino, de querer dominar tudo, de achar que o ser humano vai dominar o universo. Lewis faz uma aposta com Tolkien de que deveriam escrever histórias de ficção científica. Isso aconteceu antes de terem escrito tanto “Senhor dos Anéis” quanto “As crônicas de Nárnia”. Tolkien ficou responsável por escrever uma obra de viagem no tempo enquanto coube a Lewis uma sobre viagem no espaço. Tolkien não escreve nada. Ele acaba postergando esses planos ao enveredar na filologia e ficar embaralhado com sua série de invenções. Lewis, por sua vez, escreve “Além do Planeta Silencioso”. O planeta silencioso é a Terra. No livro, um filólogo é sequestrado por dois cientistas na Terra e é levado para Marte. Não vou dar muito *spoiler*, mas fato é que esse filólogo, ao chegar lá, descobre que apesar do “marcianos” serem tecnologicamente inferiores à Terra e aos terráqueos, são moralmente muito superiores. Ocorre uma inversão moral, uma lição moral, nessa invasão que fazem a Marte. Em “Perelandra”, segundo livro da trilogia, o filólogo é levado para Vênus, não pelos cientistas, mas sim por outro processo, onde tem de ajudar um casal originário. No último livro, “Aquela Fortaleza Medonha”, cuja história se passa na Terra, é uma espécie de sátira ao cientificismo da Academia. Os três livros formam um extraordinário conjunto de obras de ficção científica, mas que, por outro lado, fazem uma defesa moral como poucos livros a fazem. Essa defesa moral decorre justamente da ideia que Lewis tinha desse poder da imaginação, que o próprio H. G. Wells já começara a produzir nas pessoas. Lewis achava que ele e Tolkien precisavam combater isso de alguma maneira. Posteriormente, Tolkien veio a escrever “O Senhor dos Anéis”, um colosso de moralidade como nunca visto. Apesar de a trilogia cósmica de Lewis ser um pouco, digamos assim, engajada, do ponto de vista de ter sido escrita para cumprir um papel, além de cumprir a este muito bem, também se configura como uma literatura de altíssimo nível.

Percebam como é interessante um artista que tem essa ideia, que tem essa consciência do efeito e da importância da arte no imaginário das pessoas. Lewis dizia que se deixassem aquela situação solta, não saberiam onde isso ia dar. 'Daqui vinte anos, as pessoas vão achar mesmo que é possível invadir outros planetas e conquistar outros mundos, em uma espécie de impulso luciferino'. Os livros fizeram e continuam fazendo muito sucesso. Infelizmente, ainda são pouco conhecidos no Brasil. Agora, provavelmente, com essa nova publicação da Thomas Nelson, terá mais alcance, porque a Martins Fontes não se engajava na promoção desses livros. Essa trilogia, portanto, transmitem essa ideia do poder da imaginação.

C. S. Lewis reflete acerca da literatura com mais frequência do que sobre imaginação propriamente dita, pois era um professor de literatura. Ele foi catedrático de Oxford e, posteriormente, de Cambridge. Inicialmente, era professor de literatura medieval e, depois, literatura medieval e renascentista. No trecho do Lewis exposto abaixo, embora este esteja falando especialmente, e mais especificamente, sobre literatura, conseguimos estender o nosso entendimento, a nossa reflexão do que diz, a toda arte. Cabe aqui buscar as referências da aula anterior sobre a função da arte como formadora do nosso imaginário ou, melhor dizendo, da nossa imaginação.

“Qual é então o valor - ou qual é mesmo a sua justificação - de ocuparmos os nossos corações com histórias sobre o que nunca aconteceu e aceder, por interposta pessoa, a sentimentos que devíamos evitar em nós próprios? Ou de fixar o nosso olhar interior em coisas que nunca poderão existir, como o paraíso terreal de Dante, Tétis, erguendo-se do mar para confortar Aquiles, a Dama Natureza de Chaucer, ou Spenser, ou o navio espectral do Velho Marinheiro? O mais próximo que até hoje cheguei de conseguir uma resposta foi dizer que buscamos um engrandecimento do nosso ser. Queremos ser mais que o que somos em nós próprios. Por natureza, cada um de nós vê a totalidade do mundo de um ponto de vista cujas perspectiva e seletividade lhe são peculiares [ou seja, o que vemos é o que participamos. E a literatura então, nesse caso, a arte, expande isso]. E mesmo quando criamos fantasias ociosas, elas vêm saturadas e limitadas pela nossa psicologia pessoal [...] queremos ver com outros olhos, fantasiar com outras imaginações, sentir com outros corações, ao mesmo tempo que com os nossos. Não nos contentamos com ser as mônadas leibnizianas [a filosofia de Leibniz fala que o ser humano é como uma mônada, um quarto sem janela]. Exigimos janelas. A literatura como logos é uma série

de janelas, e mesmo de portas³ “[...] O homem que se contenta com ser apenas ele próprio, e por conseguinte em ser menos, vive numa prisão. Para mim, os meus próprios olhos não são suficientes, quero ver através dos olhos de outras pessoas. A realidade, ainda que vista através dos olhos de muitos não é suficiente. Quero ver a que outros inventaram. Nem os olhos da humanidade inteira são suficientes. [...] A experiência literária [digo mais, a experiência artística] cura a ferida da individualidade, sem lhe minar o privilégio [ou seja, você participa de algo que é maior, mas é você que está sentindo]. Há emoções de massa que também curam a ferida, porém, destroem o privilégio. Nestas, os nossos seres isolados fundem-se entre si e recaímos na subindividualidade. Mas, ao ler a grande literatura [ou, eu diria mais, contemplar a grande arte], torno-me mil seres diferentes, sem deixar de ser eu próprio”. (C. S. Lewis, *A experiência de ler*).

Acho que essa citação quase encerra o assunto. A capacidade que Lewis teve, em dois parágrafos, de traduzir a experiência artística como aquela que não só forma o nosso imaginário, mas nos torna participantes de algo muito mais grandioso, que é a vida de todo mundo, é a verdadeira função da arte, é a verdadeira função da imaginação: é você participar e ter experiências através dos olhos de outros. Por isso que as crianças, quando veem a cena do Frodo e do Sam em “Senhor dos Anéis”, mesmo sem não ter participado daquilo, não terem tido aquele tipo de amizade, compromisso, etc., imaginam aquilo. E se, no futuro, têm algum contato com esse tipo de experiência, elas se lembram ‘Ah, isso é igual aquilo lá’.

Nós estamos vivendo, é fato, em um mundo em que as coisas quase não acontecem mais. A “Malhação” não faz isso com os adolescentes. Raramente os desenhos hoje, as animações, fazem isso. Algumas até fazem. Além disso, hoje é tudo muito rápido. O celular trouxe tudo muito ao imediatismo. Então, isso está perdido. Hoje, a criança e/ou o adolescente quase não tem mais imaginação. Se tem, é uma poluição só. Por isso, não sabem o que fazer da vida e não tem saídas para os problemas quando estes surgem. Conforme crescem, começam a se ver em um mundo sem saída, sem sentido, porque as suas imaginações ou, melhor dizendo, as suas vidas, não têm essas janelas que a literatura e a arte abrem para eles. Às vezes,

³ Percebam que imagem interessante. A literatura ou a arte propriamente dita são janelas ou portas pelas quais vemos o mundo.

deparam-se com um problema familiar, por exemplo, e não têm absolutamente nenhuma noção do que fazer, porque nunca o viram antes.

O próprio C. S. Lewis tem uma frase interessante em sua autobiografia, a qual se chama “Surpreendido pela Alegria”. Lewis lutou na Primeira Guerra, mas ficou pouco tempo no conflito. Uma semana após sua chegada ao fronte, uma bomba estourou perto de onde estava. Os amigos dele morreram, mas Lewis só tomou um estilingue de aço na parte, o que o levou a retornar. Lewis conta que, ao chegar no fronte, constatou ‘isso aqui é a guerra. É disso que Homero fala’. Esta é exatamente a tradução de alguém cujo imaginário está povoado de guerra. Ler a Ilíada e a Odisseia é ter um vislumbre do que é a guerra. A Ilíada, principalmente, é uma sanguinolência terrível. Lewis olha a guerra e diz ‘ah, é disso que Homero fala então. É isso aqui que é a guerra’.

A imaginação e o sentido da vida

Uma criança, ao ver um problema, pode também fazer isso. ‘Isso é o que acontece em tal livro. Essa é a história de fulano’. Uma obra interessante sobre isso, que é uma espécie de “Pollyanna” melhorada, é a “Anne de Green Gables”, que foi transformada em uma série do Netflix chamada “Anne com E”. Quem não viu, veja. É uma garota que tem uma vida terrível. Órfã, ela é criada em um orfanato, onde, além dos demais problemas, é abusada. A garota consegue escapar daquela vida duríssima que leva pela imaginação. É também a história do Edward Bloom, do filme “Peixe Grande e suas histórias maravilhosas”. É exatamente isso que aquele homem faz e fez durante a vida inteira, que seu filho não aceita. O filme conta a história de um conflito entre pai e filho, porque o pai vive praticamente o tempo todo dentro da imaginação dele, tentando evocar histórias, nas quais o filho já não acredita mais. O filho reclama ‘meu pai me conta essas histórias desde que sou criança, eu não aguento mais!’. O pai está morrendo de câncer e o filho não quer encarar, quer ficar discutindo a relação com o pai. No fim, o filho percebe que não é nada daquilo que estava pensando. Esse filme é uma maravilha também, que trata dessa questão do poder da imaginação. Digo mais, no caso desse filme, do poder salvífico da imaginação, porque o pai salva a vida do filho através daquelas histórias que este nem acreditava mais. Esse é o poder da imaginação de trazer sentido para nossa vida, de fazer com que olhemos as coisas e não vejamos aquela securo desértica que é a vida contemporânea, que é a vida do jovem de hoje, que é a vida de muitos adultos

de hoje. É o que chamamos de pessoa mal resolvida. Ela simplesmente não sabe o que fazer da própria vida, porque parece estar fechada em si mesma, é uma pessoa ensimesmada, e não consegue dar um passo à frente. Ela não consegue ver uma porta, uma janela, ou algum outro lugar através do qual possa contemplar a saída dessa situação na qual está enredada em um determinado momento. E aí o suicídio, a depressão, e essa série de acontecimentos que são tão comuns hoje. Está tão perto da gente.

Viktor Frankl

Para nos encaminharmos para o final da nossa aula, ninguém compreendeu tão bem quanto Viktor Frankl esse grande problema da vida contemporânea, que é a falta de sentido e, conseqüentemente, a falta de imaginação moral, preocupação de Kirk. Ninguém conseguiu traduzir isso tão bem quanto Frankl inclusive por sua experiência de vida. Ele ficou muito tempo desacreditado porque a teoria que desenvolve é de uma simplicidade tão gritante, que a reputam como algo sem valor. Mas, como veremos, não é.

Viktor Frankl foi um psiquiatra judeu-alemão, pai ou inaugurador da Terceira Escola de Viena. A Primeira Escola de Viena é Freud e a Segunda, Alfred Adler. Inicialmente, Frankl era um discípulo de Freud. No entanto, abandonou-o quando chegou à conclusão de que o ser humano não é movido só pela libido. Com isso, passou a estudar Adler. Novamente, ao não corroborar com as conclusões a que este chegou, Frankl começou a desenvolver aquilo que se tornaria a sua terapia, a chamada Logoterapia ou Terapia do Sentido.

Na Segunda Guerra Mundial, Frankl e sua família, de origem judaica, foram enviados para os campos de concentração. Ele e a esposa, com a qual havia se casado há pouquíssimo tempo, foram inclusive separados, levados para campos distintos. Frankl perdeu os pais, a esposa e irmãos. Apesar dessa fatalidade, deu continuidade às suas reflexões. Foi dentro dos campos de concentração que desenvolveu, de fato, a sua teoria.

Nos campos de concentração, Frankl percebeu que as pessoas que tinham mais capacidade de suportar aquele sofrimento todo, de enfrentar aquilo tudo e muitas vezes saírem vivas, eram aquelas que tinham sentido para sua vida fora dali. Qualquer coisa que fosse. Desde algo simples como 'eu preciso visitar minha tia que mora em outro país, pois está doente e eu havia prometido, antes de ser preso, que

a visitaria, então não posso morrer aqui' até o que Frankl chamou de sentido último, que é a religião. 'Deus me botou aqui e não vai me deixar morrer nesse negócio não'. Frankl percebe que acontece algo ainda mais antifreudiana, digamos assim. Frankl afirma que quando o ser humano está submetido a condições extremas, não se torna um individualista voraz como aponta Freud, que luta por sua sobrevivência. Não, o ser humano tem uma capacidade incrível de auto transcendência. Ele conta que, dentro do campo de concentração, quando uma pessoa recebia um pedaço de pão e via outro quase morrendo de inanição, ela também morrendo de fome, mas melhor do que aquele que está no chão, compartilhava seu pedaço de pão com o outro. As pessoas tiravam suas roupas para aquecer um outro que estava tendo uma hipotermia. Frankl percebeu que essa capacidade de auto transcendência acontecia corriqueiramente nos campos de concentração porque essas pessoas não estavam fechadas em si mesmas. Elas conseguem enxergar um sentido para suas vidas e este não estava ali, não estava preso no campo de concentração. O seu corpo estava preso, mas a sua imaginação moral estava solta.

Quando Frankl sai dos campos de concentração, torna-se um arauto da imaginação moral e do sentido. A logoterapia, a teoria a qual desenvolve, é isso. Ela trata de restabelecer, nas pessoas, o sentido das suas vidas. Ao perguntarem ao Frankl qual era a diferença entre a logoterapia e a psicanálise freudiana, ele respondeu que, enquanto ao visitar o consultório de um psicanalista, o indivíduo precisa falar coisas difíceis de dizer, no consultório de logoterapia, tem de escutar coisas difíceis de ouvir. Frankl afirma que restabelecer o sentido da vida é uma decisão pessoal. A pessoa precisa decidir que não quer mais viver naquela situação. 'Minha vida é uma porcaria. Eu fui abusado na infância. Meus pais se separaram e eu fiquei para lá e pra cá. Eu não consigo emprego. Meu casamento foi um fracasso'. O Frankl diz 'pode ser que você não tenha conseguido controlar o que aconteceu contigo na sua vida até agora, mas daqui para frente, você pode. Você pode dizer que daqui para frente quem vai mandar é você '. Tão simples quanto isso, é a decisão da pessoa.

É evidente que o papel da imaginação é fundamental nisso, porque uma pessoa só consegue encontrar saídas se tiver um arcabouço de possibilidades com as quais consiga trabalhar. A imaginação é fundamental para produzir essas janelas que a pessoa pode encontrar para sair.

É interessante que Frankl é convidado para falar em uma conferência sobre literatura moderna. Nesta Frankl faz uma crítica à literatura moderna no sentido em que tratamos a arte moderna aqui. Que é uma arte desprovida de sentido, que compartilha, com as pessoas, o vazio existencial do próprio artista. Uma arte que deixa as pessoas também ensimesmadas assim como o artista se encontra quando coloca uma série de latas de sopa umas sobre as outras e afirma que aquilo é uma obra de arte. Aquele individualismo extremo o qual Frankl afirma ser a neurose da vida moderna e contemporânea, que é a falta de sentido.

Quero lembrar uma história interessante sobre Frankl. A esposa dele morreu nos campos de concentração. Na década de 1980, se não me engano, ele veio para o Brasil, para participar de um congresso de psicologia. Ao chegar no aeroporto, Frankl foi recepcionado por sua cunhada e por seu sogro. Sua cunhada estava com uma correntinha com um pingente, que pertencia à esposa de Frankl. Ela contou que a esposa de Frankl, sua irmã, ao seu dar conta de que ia morrer e de que ela ia sobreviver, pediu que ficasse com a corrente, achasse Viktor e entregasse a ele como prova do seu amor. Frankl foi encontrar sua cunhada aqui no Brasil, no aeroporto de Porto Alegre. A cunhada contou a Frankl que sua esposa havia mandado lhe entregar como prova do amor, porque tinha certeza de que ia morrer no campo de concentração, mas sabia que você ia sobreviver, e eu também. São essas coisas que fazem de Viktor Frankl um sujeito especial. Não só pela devoção que tinha pela sua teoria ou por sua terapia, mas porque passa a viver em função. Tem uma entrevista com ele, a qual está disponível no Youtube, que é muito emocionante. Ele já está bem velhinho, todo grisalho, falando sobre isso. A paixão que tinha pelo ser humano é um negócio impressionante.

Quero terminar lendo uma citação do Frankl para compreendermos e fecharmos o nosso assunto ligando arte, imaginação e sentido da vida. Primeiro, Frankl discorre sobre a diferença entre a logoterapia e as terapias existentes:

“O homem é, em virtude de sua auto transcendência, um ser em busca de sentido. No fundo, é dominado por uma vontade de sentido [para ele, todo mundo tem uma vontade de sentido. O ser humano está procurando um sentido para sua vida]. No entanto, hoje em dia essa vontade de sentido encontra-se em larga medida

frustrada⁴. São cada vez mais numerosos os pacientes que recorrem a nós, os psiquiatras, acometidos de um sentimento de vazio. Esse sentimento de vazio tornou-se, em nossos dias, uma neurose de massa. Hoje o homem não sofre mais tanto, como nos tempos de Freud, de uma frustração sexual, mas sim de uma frustração existencial.”

Hoje, as pessoas não têm aquilo que Anne Green Gables, da série “Anne com E”, tem, que é escapar do sofrimento pela imaginação. As pessoas não conseguem dar esse salto imaginativo, restrito àqueles com imaginário bem formado. Quem lê livros? Quem vê bons filmes? Quem escuta uma boa música? Claro, as pessoas aqui presentes podem levantar a mão, pois, senão se importassem com isso, nem estariam nesta aula. Contudo, somos *crème de la crème*, porque a maioria não está nem aí. E, quando leem, são aqueles livros descartáveis, a “Malhação” escrita. Isso vai envenenando nossa alma. Vamos vivendo em uma aridez terrível e desesperamos. Kierkegaard fala que não tem jeito, todo mundo é desesperado. Uns mais, outros menos. Aqueles que têm a arte, a literatura, o imaginário bem formado, são, digamos assim, desesperados controlados, nos termos de Kierkegaard. Aqueles que não tem isso, desesperam de fato.

Continua Frankl:

“E hoje não o angustia tanto, como na época de Alfred Adler, um sentimento de inferioridade, senão, bem mais, um sentimento de falta de sentido, acompanhado de um sentimento de vazio, de um vazio existencial. Se me perguntais como eu

⁴ Uma breve digressão: há uns dois anos, ao chegar em sala de aula, deparei-me com minhas alunas conversando em um frenesi, bastante impressionadas, acerca da série “13 reasons why”, a qual descobri naquela ocasião. A série trata de uma menina que, antes de se suicidar, grava 13 fitas cassetes, destinando cada uma delas a contar sua história com um “amigo” cuja ação a levou ao suicídio. Em termos de produção, a série é muito bem feita. Além disso, é extremamente ardilosa, pois te toma pela mão até o suicídio da menina. Caso seja mente fraca, você acaba dando razão à menina e vendo aquilo que, em psicologia, chama-se gatilho ou efeito Werther. Efeito Werther faz referência ao livro “Sofrimento do Jovem Werther” de Goethe. Conta-se que, na época de sua publicação, a obra, que retrata um tórrido amor não correspondido, provocou um surto de suicídios na Alemanha. Podemos dizer que a série “13 reasons why” tem esse gatilho ou Efeito Werther porque é algo romântico e retrata a cena do suicídio, cortando os pulsos no banheiro. É algo que chama atenção. Rapidamente, cheguei à conclusão de que a grande vilã da série é a própria moça que, desesperada, coloca a culpa em todo mundo, apesar das pessoas terem tentado, sem sucesso, ajudá-la. É evidente que há certos casos clínicos de depressão, em que é necessário o consumo de remédios. De qualquer forma, a moça trama uma vingança contra as pessoas. As fitas são feitas para que os outros as escutem e fiquem remoendo os acontecimentos. Há uma palestra minha a respeito disponível no Youtube e um artigo, no medium. Mas é exatamente isso aqui que Viktor Frankl está dizendo, fechando a digressão e voltando para citação. Que é o desespero humano de que fala Kierkegaard. O ser humano vive buscando um sentido para sua vida. Então, voltando ao Frankl.

explico a gênese desse sentimento de vazio, só posso dizer que, ao contrário do animal, o homem não tem nenhum instinto que lhe diga o que *tem de ser*, e, ao contrário do homem de tempos anteriores, não há mais uma tradição que lhe diga o que *deve ser* - e, aparentemente, não sabe sequer o que *quer ser de verdade*". (Viktor Frankl, *O sofrimento de uma vida sem sentido*. É Realizações).

Nada mais é do que estamos falando aqui. As pessoas não têm uma tradição na qual se apoiar e não têm um instinto que lhes condicionei. São as pessoas que precisam decidir o que querem. Se não temos essas janelas, não escapamos.

Vamos prosseguir para abordar especificamente sobre a literatura moderna.

"Parte das obras de literatura contemporânea também pode ser interpretada como sintoma da neurose de massa [quem lê Sartre ou Simone de Beauvoir se vê fechado ao mundo de desespero puro]. Precisamente quando o escritor se limita a uma mera auto expressão ou se contenta com um expressar de si - um exibicionismo literário que não diz nada - é que traz à tona a expressão de seu sentimento de vazio e falta de sentido [que não é senão a expressão da arte contemporânea]. Mais do que isso: não apenas traz à tona, senão que põe em cena o absurdo, o contrassenso. E isso é completamente compreensível. De fato, o sentido autêntico precisa ser descoberto, pois não pode ser inventado. Sentido não pode ser produzido. Não é tecnicamente exequível. No entanto, o absurdo e o contrassenso podem ser criados, e deles fazem uso generoso alguns escritores. Tomados pelo sentimento de ausência de sentido, expostos e entregues a um vazio completo de sentido, atiram-se sem hesitar à aventura de preencher o vazio com o contrassenso e o absurdo. A literatura, porém, tem uma escolha [a arte tem uma escolha]. Não precisa continuar sendo um sintoma da atual neurose de massa, mas pode muito bem contribuir para o seu tratamento. Com efeito, os homens que passaram pelo inferno do desespero, através da aparente falta de sentido da existência, são precisamente aqueles que podem oferecer aos outros homens, como um sacrifício, seus sofrimentos⁵. É justamente a auto expressão de seu desespero que pode ajudar o leitor - igualmente atingido pelo sofrimento de uma vida sem sentido - a superá-lo, mesmo que seja para mostrar-lhe que não se encontra só. Em outras palavras, ajudá-lo a transformar o sentimento de

⁵ O que me vem à memória é o Dostoiévski, o próprio Tarkóvski, que morre de câncer, exilado na Itália. Não por um acaso, seu último filme se chama "O Sacrifício", feito quando a doença já estava em um estágio bastante avançado. O filme é um testamento mesmo. É isso que ele diz aqui. É deixar como um testemunho, para os outros homens, os seus sofrimentos.

absurdidade em sentimento de solidariedade. Nesse caso, a alternativa não é mais 'sintoma ou terapia', senão que o sintoma é uma terapia!" (Viktor Frankl, *O sofrimento de uma vida sem sentido*, É Realizações).

Com isso, fechamos um ciclo. Aí descobrimos para que serve a arte, por que é diferente você olhar uma obra que, esteticamente, tem sentido, e você olhar algo que não faz sentido. De você olhar uma obra na qual o artista se vê como um servidor, que está tentando transmitir o dom que recebeu através da sua arte, e olhar o artista que só quer chocar as pessoas, que prende um cachorro dentro de uma redoma de vidro e o deixa morrer ali, sem comida. Ou aquele sujeito do nordeste brasileiro cuja grande obra de arte é introduzir um terço lá mesmo e puxar devagarinho, filmando, afirmando que faz isso por causa da pedofilia na Igreja. O sujeito está transmitindo o seu desespero, a sua falta de sentido e o seu vazio. A função da arte, que é essa escolha a qual Viktor Frankl se refere, é recuperar a imaginação dos indivíduos. É ajustar ou, como diz Russell Kirk, dar ao indivíduo a justa ordem da sua alma para que esta ajude a ordenar a sociedade. Por isso que, voltando mais ainda, Platão afirmava que só os filósofos têm condições de ser os governantes, não por uma espécie de intelectualismo, mas porque toda trajetória de formação do filósofo nada mais era que uma formação espiritual. Espiritual no sentido de que, depois de quarenta anos estudando, inicialmente, as artes, as fábulas e a formação da imaginação. Depois, estudos de guerra, artilharia e conhecimentos militares. Ainda, mais à frente, o estudo da filosofia e a sua ascensão ao mundo das ideias. Por isso que o filósofo deveria ser o governante, porque é um homem cuja vida está totalmente preenchida de sentido. Ele é o homem que sai da caverna. Platão ainda diz que, depois de sair da caverna e estudar por quarenta anos, o sujeito vai ainda transmitir aquilo que aprendeu. Ele vai fazer isso por amor da cidade. E não é essa a função da arte? Não é essa a função dos artistas? Não deveria ser pelo menos? A nossa função, se não somos artistas nós mesmos, é fomentar isso nas pessoas. É tentar transmitir àqueles que estão perto de nós, que a imaginação governa o mundo e que ou ela melhora sua imaginação a fim de preencher a sua vida de sentido, e assim poder contribuir com os outros, ou ela vai se enredar no desespero. Nesse sentido, e assim eu termino, a Brasil Paralelo tem um trabalho excepcional, do ponto de vista do resgate histórico, porque através dele, conseguimos conectar o nosso fio da tradição, que alguém cortou. Precisamos reuni-lo sob o espremeio de milhares de ressentidos com a certeza de que é a imaginação que governa o mundo. É a seriedade da missão

de cada um que faz com que, daqui a um tempo, que não precisamos esperar para ver, as coisas se encaixem. Com isso, não vamos mais precisar apostar em A, B ou C, pois todos vamos estar, mais ou menos, caminhando para o mesmo caminho, trilhando, todos, o mesmo caminho.

PERGUNTAS

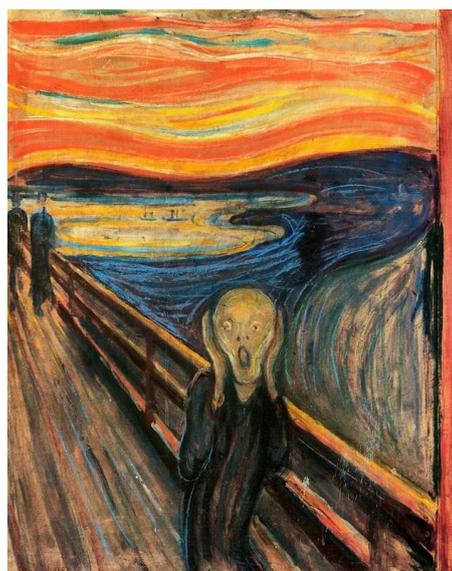
- 1) Parece-me, no fim do nosso ciclo, que essa questão da função da arte é um processo muito parecido com o processo de autoconhecimento individual. Você precisa observar a si mesmo. Diversas linhas filosóficas, linhagens, sempre apontam para isso: observar-se, conhecer-se e só a partir daí você vai poder se lapidar e melhorar terminar a vida melhor do que começou. Parece-me que a arte, uma das interpretações que faço, uma das interpretações possíveis, é que ela é um processo de autoconhecimento coletivo, da própria realidade, ou seja, olhando para a arte, estamos tentando decifrar algo que está além de nós, o transcendente. Em um processo de autoconhecimento, muitas vezes as pessoas enxergam o que elas querem, enxergam outras coisas. Por vezes, tentamos dizer para uma pessoa que ela está errando e ela não aceita. Ou seja, a intenção dela não é de autoconhecimento real, mas é de autossabotagem. Resumindo: a intenção do processo de autoconhecimento faz toda diferença no resultado. Daria para trazer essa interpretação para aula para dizer que, no final das contas, se a gente pudesse ter um raio-x da intenção do artista, nós saberíamos muito sobre a arte? Talvez a intenção do artista tenha a ver com o que é arte e com o que não é arte? O valor da arte?

O Platão resolve isso no primeiro Alcibiades, que é um diálogo curtinho, mas soberbo. É lá que ele evoca a famosa frase que o Sócrates fala do pórtico do templo, “Conhece-te a ti mesmo”. Esse “conhece-te a ti mesmo” não é um individualismo, não é algo que você vá conhecer uma verdade que está dentro de você, algo que é muito moderno. É claro que Platão está partindo do princípio de que todas as coisas estão dentro de nós mesmos. Eric Voegelin vai ressuscitar essa teoria de que vivemos em uma tensão com o nosso fundamento divino, o que Platão chama de metaxia. É diante dessa metaxia que você se coloca. Esse “Conhece-te a ti mesmo” é evocar aquele conhecimento que já está em você. Isso é platônico. Não precisamos acreditar que está tudo dentro de nós. Pode ser que venha de fora. Não tem problema. Esse

autoconhecimento, se você não é um indivíduo isolado, você participa de algo que é maior do que você. Conhecer a si mesmo é conhecer as coisas também. Meu pai falava frequentemente uma frase: conhece-te a ti mesmo que conhecerás então os deuses e o universo. É isso. Mas não é um processo de ensimesmamento, pelo contrário. Precisamos partir do princípio que o ser humano não é isolado. Quando uma pessoa vem com essa conversa de que está em um processo de autoconhecimento, de estar consigo mesma, isso não existe. Esse processo não é isolado. Se você ficar contemplando uma obra de arte, as imagens vão preenchendo a sua cabeça. Por mais que isso te faça pensar em como você tem vivido a sua vida, entre outros temas, isso não vai te levar para um processo de ensimesmamento. Pelo contrário.

Comentário: você está vendo arquétipos e conectando com outras facetas.

Professor: exatamente. Agora, quando você o Munch, por exemplo, “O Grito”, aquilo é desespero puro. Só há um homem, isolado, gritando. Dependendo da intenção do artista, se não estiver, como diz Viktor Frankl, transmitindo o vazio dele, é possível que você consiga fazer esse movimento de autotranscendência que o Viktor Frankl fala. Que você ordena a sua alma e, todo mundo de alma ordenada, ordena a sociedade.



O processo é diferente. Mesmo a literatura. É o que C. S. Lewis fala. É um privilégio, porque é você que lê, sozinho, mas, ao mesmo tempo, você está com os olhos de outros. Você está participando da experiência de outros. Então, não é um processo de ensimesmamento, é o contrário. Portas, janelas, o mundo se abre para você. Tem uma novela do Dostoiévski, chamada “Gente pobre”, que é uma série de

cartas que uma moça nova está trocando com um senhor mais velho. Aquilo é sublime porque são duas pessoas conversando, mas você participa da vida dos dois. Então, em vez de te trancar dentro de você, você se expande. A grande arte, a grande literatura, é uma expansão da lama e não um retraimento. Acho que é automático isso.

- 2) Na minha visão, acho que estamos sendo convidados, nestes últimos anos, a sermos responsáveis por nós mesmos. Viktor Frankl fala isso, de você buscar o teu sentido, buscar o seu significado. Vemos a reforma da previdência entregando para nós a responsabilidade da nossa própria velhice, daqui para frente. Recentemente eu li o texto de uma mulher, feminista, postado no facebook. Era um texto enorme com uma dor muito grande. Como a patriarcado está me matando ou como vem sofrendo. Eu recebi a notícia de que, depois de escrever aquele texto, essa mulher cometeu suicídio. Quando eu olho, acho que estamos começando a ser convidados a sermos responsáveis por nós mesmos. E quando a gente vê esse movimento do Viktor Frankl, é assim, pela minha capacidade de olhar dali para frente, de buscar um significado, e as pessoas à minha volta que sobreviveram buscaram um significado, na minha visão isso tem sido muito forte. É isso mesmo?

Professor: não sei se conseguimos encaixar a reforma da previdência nisso. Nós, brasileiros, estamos acostumados a sermos tutelados. O Bruno Garschagen desenha isso no livro dele "Pare de Acreditar no Governo". Está desenhado lá. A história do Brasil é a história de um povo que aprendeu a ser tutelado e não quer largar mais. É muito difícil para o brasileiro mesmo se responsabilizar por alguma coisa, pois sempre acha que alguém vai resolver para ele. A maioria das pessoas pensam assim. 'Como faz para trabalhar pouco e ganhar muito?'

Comentário: eu não vou pagar a dívida. Vou esperar cinco anos, porque o crédito caduca mesmo.

Professor: não é que só caduca, porque tem juros de 800%. Você esperar cinco anos para pagar o que devo mesmo. Mas, temos mesmo esse comportamento. Tem um artigo que é maravilha do Sílvio Romero, de 1903, se não estiver enganado. O artigo se chama "Nosso maior mal". Tem na internet. Romero fala, em 1903 ou em 1909, que o maior mal do brasileiro é querermos ser o que não somos. Nós damos ares de grandes coisas e não nos damos conta do que somos de fato. Que o Brasil é um país

jovem, com um monte de percalços históricos, um monte de problemas, é golpe para cá, golpe para lá, e que é preciso se dar conta disso. O que somos de fato? Vamos descobrir a verdade. Somos um povo que gosta de encostar. Nós criamos até o termo concurseiro. Tem coisa mais terrível do que isso? Uma hora dá certo. O cara é concurseiro. A lei de Gérson, né. Levar vantagem em tudo. Vou ganhar na loteria ou arrumar um emprego de funcionário público, porque aí não preciso trabalhar para ganhar. Mudar isso, eu acho que é um problema de imaginação moral mesmo.

Comentário: isso lembra o problema de querermos discutir pontos que não é a hora ainda. Botar a carroça na frente dos bois. Às vezes discursos com ar de superioridade sobre política, no final das contas o problema está muito antes.

Professor: é. Está muito antes. Nós temos um problema crônica de formação. Melhor dizendo, de identidade. Nós, brasileiros, temos um problema de identidade. E aí, volto a falar da Brasil Paralelo. Aquele documentário de história tem uma função especial para o momento que vivemos, porque finalmente encontramos uma história do Brasil que não está malhando tudo.

Comentário: faz algum sentido.

Professor: que está falando bem. Que você olha e fala 'caramba'.

Comentário: dá orgulho. Senso de pertencimento.

Professor: um senso de pertencimento. Faz um tempo, eu fui na casa de um amigo e estava falando documentário. Aí ele me contou que a filha dele odeia história. A adolescente, filha dele, veio e me disse 'eu odeio história do Brasil. A história do Brasil é uma porcaria'. Por quê? Porque ela aprende com os professores que só leram o Caio Prado. É tudo exploração. É um reducionismo a meros interesses econômicos. Aquele porcaria toda. Então, não tem história. O que tem é manipulação. Temos um problema crônico, de formação mesmo. As pessoas não sabem. As pessoas não conhecem. Eu fui testar uma professora de história e disse para ela 'eu descobri uma coisa. Primeiro, eu não sei história do Brasil. Não conheço a história do Brasil. Então, eu queria conhecer. O que tem aí para eu ler?'. Uma professora de história com bastante tempo de carreira. Na lata, ela não demorou dez segundos para responder 'Caio Prado Jr., História Econômica do Brasil'. Para não ser grosso, eu perguntei 'Só tem esse?'. Ela falou 'esse é bom'. E reforcei, 'mas não tem mais nenhum? Fala mais um só.'. Ela disse 'Ah, tem o do Laurentino Gomes'. Quase que eu falo um palavrão. A pessoa pula do Caio Prado para o Laurentino. Ela não me falou mais nada. Ela não conhecia mais nada. Talvez até conhecesse, mas não válida. Um dia, eu vinha

conversando e disse 'eu finalmente li a carta de Pero Vaz de Caminha e descobri que nós somos aqueles mesmos índios, igualzinho. Indolentes. Desconfiados. Ainda somos aqueles índios'. Aí ela me disse 'Ah, mas essa é a visão do colonizador né?'. Como se tivesse algum sentido isso, a visão do colonizador. O que significa? Que o Pero Vaz de Caminha estava escrevendo essa carta e falou assim 'oh, estamos aqui colonizando esse negócio aqui, olha só esses índios...'. Está escrevendo uma carta da visão de alguém que está conquistando um lugar? A carta não me diz nada disso. Eu estava discutindo esses dias com o Thomas Giulliano. Fizemos uma live no instagram com os seguidores dele. Esse presentismo que existe. O sujeito quer interpretar o que disse Pero Vaz de Caminha a partir da concepção de história que aprendeu com Caio Prado. Não faz o mínimo sentido. Temos um problema de formação. Se conseguirmos corrigir este problema, em parte, a arte tem uma função primordial. Não é à toa que o D. Pedro II reavivou a Academia Brasileira de Artes, financiou o estudo de artistas no exterior e reavivou o movimento artístico no Brasil visando criar uma identidade nacional, que, posteriormente, foi estragada pelos republicanos. Mas, a ideia dele era essa. Precisamos criar uma identidade nacional e a arte tem um papel fundamental. Se tivermos grande artistas, não só pintores, mas também músicos, como o Carlos Gomes, conseguimos criar, no imaginário popular, uma identidade. Por mais imaginativo que seja o quadro da Primeira Missa, por exemplo, você olha aquilo e fala 'Caramba!'. Não dá a ideia de que foi descer da caravela, matar os índios, pegar tudo, toma o ouro. Não dá. Você percebe ali que não. O próprio Pero Vaz de Caminha conta na carta que eles começaram a levantar a mão. Quando o Padre levantava, os índios também levantavam a mão. De repente, eles começaram a pular e etc.. Quer coisa mais natural do que isso? Quer dizer, é claro, aquilo transmite uma imagem mais próxima do que aconteceu, porque é o que está relatado. Mas se a pessoa que aquilo é a visão de um colonizador e que é preciso criar outra visão do colonizado, você já viu, né?! Esses dias eu fiz um post no instagram dizendo que esse negócio de Dandara não existe. Agora inventaram uma mulher para o Zumbi, que é a tal de Dandara. É uma invenção pura. É mais invenção que o próprio Zumbi. Não existe isso aí. Mas o pessoal do movimento negro está discutindo porque estão falando que a historiografia tradicional, do colonizador, do europeu, nega a tradição oral. O sujeito nunca leu Heródoto na vida. Como assim nega a tradição oral? O fato é que se desenvolveu, no Ocidente, um método historiográfico, que todo mundo segue. A questão não é a tradição oral. A questão é

que vocês estão inventando. É diferente. Se você tem relatos que resistem ao tempo e você consegue, de certo modo, transmitir esses relatos, é uma coisa. Agora, a personagem Dandara tem data. Ela surge em um livro. Em um romance biográfico, que o sujeito inventou. Ele inventou a biografia do Zumbi. Aquela história de que ele foi criado por um padre e aí fugiu. Tudo isso é invenção desse sujeito. Antes desse sujeito escrever aquilo, não tem nada. Não tem documento nenhum. Então, que tradição oral é essa? A tradução oral que eu mesmo inventei, da minha oralidade própria. É uma discussão que não faz o mínimo sentido, mas as pessoas estão tão malucas, ideologicamente doentes, que não conseguem olhar o real. Elas estão viajando. Criar uma identidade nacional é mais importante do que a reforma da previdência.

- 3) Fomos para outro lado, mas quero resgatar algo, porque é uma curiosidade pessoal. Como você enquadraria alguns tipos de obras? Por exemplo, você citou o Dostoiévski. Ele tem alguns livros, como “Memórias do Subsolo” e “Sonho de um homem ridículo”, que são de pura manifestação do desespero, paranóia, etc.. Pelo menos, “Memórias do Subsolo”, não considero que tem uma redenção ali. Mas, ainda assim, é considerada uma das maiores obras dele, um grande clássico da literatura. Como encaixaria esse tipo dentro desse conceito artístico?

Eu acho que o Dostoiévski não pode ser olhado isoladamente. Apesar de “Memórias do Subsolo” ser um livro árido, você percebe nele uma ironia. O próprio início, em que o narrador se declara um homem doente, é muito irônico. Tira um pouco aquele peso do desespero, porque você percebe que ele está sendo sarcástico. Por exemplo, o Camus, que é a mesma coisa, vai esbarrando na porta de saída daquele desespero, mas, no fim, ele não sai. Mas, pelo menos, ele mostra que tem uma porta. Isso é interessante. Acho que o que livra o Dostoiévski, principalmente neste “Memórias do Subsolo”, é o único mais sombrio. É a gênese da coisa está ali, porque depois vai desenvolver isso em todas as obras. Acho que o sarcasmo da personagem dessa obra é que não a torna algo niilista. Acho que ele tem esse cuidado de não fazer o que o Sartre faz, por exemplo. Ele está se mostrando um sujeito desesperado, mas, ao mesmo tempo, ele tem consciência da realidade, pois está denunciando os outros. Ele parece o “Poema em linha reta” do Fernando Pessoa. ‘Nunca vi ninguém que levou porrada. Todo mundo é o bonzão e só eu sou um ferrado na vida’. É isso. Ali, ele é um sujeito desgraçado da vida, mas não está vacilando. Ele é um observador

privilegiado da sociedade, pois tem consciência de como a sociedade está. Acho que isso tira um pouco desse niilismo, que poderia se manifestar no Dostoiévski, mas não se manifesta não. Aliás, os niilistas são sempre vilões nas suas obras, principalmente em “Os demônios”. Nesta ele senta o pé mesmo. Tem uma obra, acho que é nesta, em que Dostoiévski fala que os socialistas cristãos são piores que os socialistas ateus. É engraçado porque, eu não sei se vocês sabem, “Os demônios” nasce de uma situação real, ele fica sabendo que um jovem revolucionário foi assassinado por um grupo rival e fica chocado com isso. Dostoiévski fica com medo de escrever porque fala ‘não posso transformar minha obra em um panfleto’. Olha a consciência que ele tinha de que a arte não podia ser engajada. Ele ficou remoendo isso. Ele troca cartas com seu irmão em que menciona isso, que está pensando em escrever sobre o assassinato do jovem revolucionário, mas não sabe se deve, porque vai diminuir sua arte se quiser fazer dela um veículo de panfletagem. Mas ele resolve escrever. Como era um gênio, ficou algo soberbo. Isso é legal, do ponto de vista da arte, essa questão do engajamento. Fazer arte engajada. Maiakovski. Aquela porcaria. Delírio revolucionário. A arte não pode ser engajada. Arte engajada é menos arte. O artista é um servidor, não é militante. Poucos artistas que enveredaram para militância e não se perderam totalmente. Uma que gosto de citar sempre, porque acho que tinha um gênio privilegiado, era a Nina Simone. Ela mergulhou na militância *Black Panthers*, mas era genial. A experiência de ver a Nina Simone cantando, era maior do que ela falava. A própria expressão. O jeito de tocar. Aquela voz. O conjunto da obra é maior do que a mensagem que ela fica tentando transmitir. Acho que ela é um caso raro de artista militante que não se contaminou ou não perdeu a obra na militância. Mas são poucos.